

AS PRINCIPAIS TRADIÇÕES NAVAIS DA MARINHA DO BRASIL*

A tradição, contudo, não é algo estático. Ela é a conquista ativa da continuidade e pode ser restaurada, resgatada e aperfeiçoada conforme o decoro e a oportunidade permitam.

Roger Scruton, filósofo britânico

GUSTAVO BARBOSA DA SILVA
Guarda-Marinha

SUMÁRIO

Introdução
O que é uma tradição
O que é uma bandeira
Nossa maior tradição: a bandeira do Brasil
Tradições provenientes do mar
Nossas principais tradições navais
Considerações finais

INTRODUÇÃO

A sociedade atual, de uma maneira geral, tem a tendência de querer desconstruir conceitos que foram erigidos ao longo de toda a existência da humanidade.

Essa é uma característica do pós-modernismo e pode ser prejudicial às Forças

Armadas, que dão vital importância ao passado e ao que este significa.

O estudo e a análise das principais tradições navais da Marinha do Brasil (MB) têm como propósito mostrar que a preservação destas é a garantia da perpetuação de valores. A hierarquia e a disciplina são a base de qualquer organização militar naval, e a história nos prova que há uma

* Artigo publicado na *Revista de Villegagnon*, ano XIII, número 13, 2018.

ligação entre estes pilares e as tradições provenientes do mar.

As principais tradições navais da MB, não necessariamente as de origem luso-brasileira, devem ser estudadas e analisadas para que se saiba sua relevância e por que não devem ser esquecidas, levando em conta todo o contexto histórico que as antecederam.

O propósito deste artigo é concluir que nossas tradições devem ser mantidas e repassadas para os próximos brasileiros que embarcarão em nossos navios, de modo a contribuir para a manutenção de valores importantes, como hierarquia e disciplina.

O QUE É UMA TRADIÇÃO

Devemos ser tradicionais, sem ser tradicionalistas. O presente é filho do passado e a história é persistência. Aliás, ser é persistir.

(João Camilo de Oliveira Torres, escritor brasileiro)

A sociedade busca sempre uma continuidade, comparando o que se tem no presente com o que se espera no futuro. Mas e o passado? Como relacionar o passado conhecido com o futuro desconhecido?

O conceito de tradição é o responsável por fazer esse elo. Diz-se “conceito” devido à amplitude do termo, que engloba, além das tradições propriamente ditas, as cerimônias e os costumes. A lógica não está presente no que ocorrerá depois, e sim no que ocorreu antes num determinado momento histórico.

Segundo Scruton, a tradição tem um “duplo poder” porque coloca o passado diante de um objetivo atual e porque, além disso, surge da maneira na qual a sociedade está organizada. A transcendência, nesse contexto, é levada em conta, sendo exigido o respeito com o

vínculo que se tem com o passado e com o que ele representa.

Alguns autores, como Eric Hobsbawn, tendem a menosprezar a ideia de tradição. Para eles, as tradições seriam inventadas e, com isso, poderiam ser facilmente esquecidas. É fácil acreditar nisso se pensarmos, por exemplo, no Dia das Mães ou no Dia dos Pais. Todavia, se analisarmos aspectos maiores nossos, como a tradição futebolística ou a música popular que é exportada para o mundo inteiro, esse pensamento errôneo cai por terra. Nenhuma pessoa criou por si só o modo de se jogar bola no Brasil ou o sofisticado requinte na maneira de se tocar Bossa Nova. Ambos foram provenientes do intenso aprimoramento que se seguiu de geração em geração até como conhecemos hoje. Pequenas conquistas edificaram essas conquistas maiores, e isso exemplifica o que é, de fato, uma tradição: uma forma de conhecimento social que só pode continuar a existir pelo seu contínuo exercício.

Ainda segundo Scruton, as tradições atraem a lealdade e a confiança de quem as compartilham. Para ele, quando se age a partir delas, passa-se a ver o que é feito como parte de algo maior, transcendental, pois elas apontam para algo que sobrevive ao tempo, algo que possui durabilidade. Com isso, pode-se dizer que elas possuem uma finalidade: explicar o fato de o indivíduo estar vivendo no presente em determinada sociedade ou em determinado grupo social.

O QUE É UMA BANDEIRA

Você há de realizar uma jornada longa e de sucesso. Um vento próspero há de soprar na tua bandeira.

(Henning Haslund, escritor dinamarquês)

As bandeiras são responsáveis por representar os sonhos e as esperanças da humanidade há séculos, por meio de simbologias. Cada uma destas bandeiras carrega consigo alguma história que, na maioria das vezes, tem um grande significado. Mas qual a origem histórica da existência desses símbolos nacionais?

Bandeiras são símbolos relativamente recentes na história da humanidade. Estandartes pintados em tecidos foram os precursores das bandeiras e eram usados na Antiguidade pelos egípcios, assírios e romanos, mas foi a invenção da seda pelos chineses que tornou possível a popularização das bandeiras como conhecemos atualmente.

Toda Nação é hoje representada por uma bandeira, fruto da influência de ideias provenientes da Europa moderna para o restante do mundo. “Um país começa com um nome e uma bandeira, e posteriormente se torna, ele próprio, este nome e esta bandeira, como uma espécie de homem que passa a cumprir seu destino”, afirmou Johann Wolfgang von Goethe.

O que significa tentar representar uma Nação em sua bandeira? Significa tentar unir a população por ideais, objetivos, história e crenças, de maneira a buscar uma homogeneidade, o que é quase impossível. Mas quando a flâmula do inimigo está atopetada é que as pessoas passam a verdadeiramente enxergar a importância de seu próprio símbolo nacional. E não é coincidência o fato de boa parte das bandeiras no mundo possuírem o vermelho, por exemplo, que representaria o sangue do povo, visando agir diretamente na ideia de “nós” contra “eles”, se assim for necessário.

O atual momento da humanidade é o que possui maior quantidade de Estados independentes, e, além destes, ainda há a utilização de bandeiras por atores não

estatais. Basta lembrar das bandeiras do Estado Islâmico, da Cruz Vermelha e das Olimpíadas que fica claro que tais símbolos ainda podem atuar fortemente nas emoções, sejam elas positivas ou negativas.

Bandeiras são símbolos poderosos, e há dezenas de outras organizações, além dos Estados, que as usam. Elas podem levar consigo mensagens de medo, mas também de paz e solidariedade. O sentimento gerado por uma bandeira é o que permite que pessoas morram por ela e por tudo aquilo que é simbolizado.

NOSSA MAIOR TRADIÇÃO: A BANDEIRA DO BRASIL

A melhor maneira de aprender a ser um Estado soberano independente é sendo um Estado soberano independente.

(Kwame Nkrumah, primeiro primeiro-ministro de Gana)

O atual desenho da bandeira do Brasil não é o mesmo utilizado logo após a proclamação da independência, mas é parecido. O processo que levou à independência do País justifica a utilização das cores na bandeira (o verde e o amarelo são as cores das Casas Reais de Bragança e dos Habsburgos, respectivamente).

Em 1807, o então Príncipe Regente Dom João, que viria a se tornar o Rei Dom João VI, deixa Portugal, juntamente com sua corte, e vem em direção ao Brasil para escapar de Napoleão e de suas tropas que haviam invadido o país lusitano, chegando os portugueses aqui em 1808. Dom João pertencia à dinastia de Bragança e era casado com a Rainha Carlota Joaquina, descendente dos Habsburgos.

Em 1821, após morar 13 anos em território ultramarino, Dom João VI retorna a Portugal com o propósito de solucionar



Figura 1 – Bandeira do Império do Brasil



Figura 2 – Bandeira da República Federativa do Brasil

crises políticas por lá. A essa altura, o Brasil tinha deixado o *status* de colônia e já era parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Tendo retornado a Portugal, o rei deixou seu filho Dom Pedro como príncipe regente das terras brasileiras. Após uma série de acontecimentos históricos e políticos, relacionados diretamente com a insatisfação por parte das elites brasileiras com Portugal, que queria rebaixar o Brasil ao *status* de colônia, Dom Pedro proclama o Brasil independente em 7 de setembro de 1822 e torna-se o Imperador Dom Pedro I do Brasil. Com isso, surge a primeira bandeira do País, a bandeira do Império do Brasil (Figura 1), criada por Jean-Baptiste Debret.

A primeira bandeira era composta do familiar retângulo verde juntamente com o losango amarelo, mas em seu centro possuía o brasão nacional imperial. O brasão consistia num escudo verde, tendo ao centro a esfera armilar e a Cruz da Ordem de Cristo em vermelho. A esfera armilar fazia referência ao período das Grandes Navegações; e a Cruz da Ordem de Cristo, à religião católica (que era a religião oficial). Havia também um aro de fundo azul com 20 estrelas representando as 20 províncias. Sobre o escudo

havia a coroa imperial representando o regime monárquico. Do lado esquerdo do brasão, havia um ramo de café; e do lado direito, um ramo de tabaco, representando os dois principais produtos agrícolas da época. Quando, em 1889, o Brasil deixa de ser uma monarquia e torna-se uma república, é feita uma nova bandeira, a bandeira da República Federativa do Brasil (Figura 2), criada por Raimundo Teixeira Mendes.

Na nova bandeira, mantiveram-se o retângulo verde e o losango amarelo, mas com a explicação de que estes representariam agora as matas e as riquezas da Nação, respectivamente. No lugar do brasão nacional imperial, foi colocado um globo azul com uma faixa possuindo os dizeres “Ordem e Progresso” e 21 estrelas, representando os 21 estados da época, que agora são 27. Os dizeres são de influência do positivismo de Augusto Comte, que tinha o “amor como princípio, a ordem como a base e o progresso como o fim”. As estrelas são posicionadas de tal modo que são a réplica espelhada do céu observado no Rio de Janeiro, então capital do País, no horário entre 20h30 e 20h37 do dia 15 de novembro de 1889, dia da Proclamação da República. A réplica é

espelhada com o intuito de dar a entender que o céu retratado foi visto por alguém de fora do planeta, ou seja, por alguém que nos tenha visto de cima.

TRADIÇÕES PROVENIENTES DO MAR

Há três classes de indivíduos: os que estão vivos, os que estão mortos e os que são do mar.

(Anarcasis, filósofo grego)

O mar, considerado uma grande fonte de riqueza e de comunicações, cobre aproximadamente três quartos da superfície da Terra. Em diversos países do mundo, os povos são influenciados pelos seus respectivos graus de maritimidade, característica fundamental para que se estabeleça íntimo relacionamento entre homem e mar. E é nesse relacionamento que surgem, pelo tempo e pelos hábitos, as tradições navais.

É evidente que navios de diferentes Marinhas fazem contato entre si nos vastos oceanos ou nos portos. Tendo vivências semelhantes, os marinheiros se ajudam e trocam conhecimentos. Como raramente estão uns contra os outros em disputas ou em guerras, normalmente o espírito fraterno se faz presente no dia a dia a bordo. E é por esse motivo que se entende por que há uma aglutinação de costumes marítimos, sendo a linguagem própria o elo entre os homens do mar. Nota-se neles um respeito comum às tradições como manifestação de amor às suas pátrias, estando estas longe ou perto.

Ainda que cada Marinha possua sua particularidade, as tradições navais podem ser consideradas universais. O apito marinheiro, o sino de bordo, a praça-d'armas e o nó de Nelson, por exemplo, mostram que há um incontável número de

elementos comuns a quase todas as Marinhas do mundo, o que torna possível um grande estreitamento entre elas. A prática constante das tradições navais promove a incorporação e o desenvolvimento do espírito marinheiro.

NOSSAS PRINCIPAIS TRADIÇÕES NAVAIS

O marinheiro tem o sentimento da Pátria unitária, nacional, impessoal; por isso as velhas tradições do País conservam-se vivas nos navios depois de quase apagadas em terra.

(Joaquim Nabuco, político e diplomata brasileiro)

Pode-se dizer que todos os indivíduos que escolhem a carreira do mar pertencem a uma fraterna classe. Como já mencionado anteriormente, a vida a bordo é semelhante em diferentes Marinhas do mundo, e boa parte disso tem a ver diretamente com as tradições navais. Na Marinha do Brasil são adotadas diversas delas, e algumas das mais interessantes serão descritas no presente tópico.

Alguns termos náuticos característicos

A linguagem com o uso de alguns termos náuticos é, sem dúvida, uma característica essencial dos marinheiros. Os navios de guerra geralmente são construídos em “arsenais”, palavra proveniente do árabe *ars sina*, que faz referência ao local onde se guardam os objetos de guerra. Estar “embarcado” é estar dentro de uma embarcação, e para sair é necessário “desembarcar”. “Belonave” é o nome que se dá a um navio de guerra, sendo originário da junção das palavras latinas *navis* e *bellum*. “Fazer-se ao mar” é seguir viagem em direção ao mar. “Atracar”,

“amarrar à boia” e “fundear” significam, respectivamente, deixar o navio preso ao cais, deixá-lo preso a uma boia ou deixá-lo preso ao fundo do mar por uma âncora, chamada na MB de “ferro”.

Bandeira de Cruzeiro



É a bandeira contendo 21 estrelas localizada na proa, sendo içada no “pau de jeque”.

Flâmula de Comando

Fica localizada no topo do mastro e, assim como a Bandeira de Cruzeiro, também possui 21 estrelas. Serve para indicar que o comando é exercido por um oficial de Marinha. Havendo a troca de comando, há também a troca da flâmula.



Bordos do navio

Os lados do navio são chamados de bordo, sendo o lado da direita o bordo de “boreste” e o da esquerda o de “bombordo”. A palavra “bombordo” existe porque, na Marinha da França, os marinheiros que tinham seus alojamen-

tos no lado esquerdo eram chamados de “bombordeiros”. Já a palavra “boreste” é uma espécie de inversão da palavra “estibordo”, que deriva da estaca grega em forma de remo chamada *staurus*, que ficava no lado direito dos navios.

Gente de bordo

A gente de bordo é composta pelo comandante e sua tripulação. O imediato é o oficial que coordena todos os trabalhos de bordo, além de ser o substituto eventual do comandante. O imediato e os demais oficiais compõem a oficialidade. As praças restantes compõem a guarnição do navio.

Pessoal de serviço

Determinados postos de serviço são indicados por um utensílio adicional no uniforme. O oficial de quarto utiliza um apito com cadarço preto. Quando no porto, passa a ser o oficial de serviço e, além do apito com o cadarço, também porta pistola no coldre. Assim como o oficial de serviço, o contramestre de serviço, um sargento ou suboficial, também possui apito e cadarço, sendo ele responsável por auxiliar diretamente o oficial. Há também o cabo auxiliar, que porta apito; o ronda, que porta um cinturão, e o polícia, que porta um cinturão e um cassete.

Sino de Bordo

O sino de bordo é o responsável por marcar os intervalos a cada meia hora dos quartos de serviço entre a alvorada e o silêncio. A primeira meia hora é marcada com uma batida singela, meia hora depois por uma batida dupla, depois por uma dupla e uma singela, e assim sucessivamente. Reinicia-se o ciclo após o momento em



que são feitas quatro batidas duplas, já no quarto de serviço seguinte.

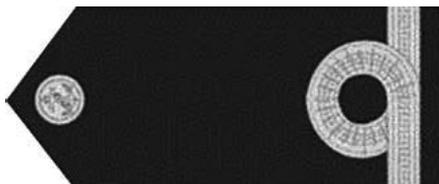
Apito do marinheiro

Usado desde a Grécia antiga, o apito do marinheiro é o responsável por indicar os principais eventos da rotina de bordo, eventualmente acompanhado pela corneta, além de ser usado para o comando de manobras da guarnição. Na Inglaterra, passou a significar autoridade e honra para o oficial que o possuísse. O Almirante Lorde High usava um apito de ouro; oficiais em comandos menos graduados usavam um apito de prata. Esses oficiais preferiam jogar seu apito ao mar e deixá-lo cair em mãos inimigas. Atualmente, como já dito neste artigo, o oficial de serviço porta um apito, que não



é o tradicional, com um cadarço preso ao pescoço, para cumprimentar ou responder a cumprimentos de outras embarcações em que estão embarcadas autoridades.

Platina do oficial da Armada



A Marinha inglesa foi a principal Marinha do mundo por alguns séculos, sendo tal condição responsável por criar símbolos que até hoje persistem. O Almirante Nelson, considerado um dos maiores vultos navais de todos os tempos, que era pertencente à Marinha de Sua Majestade, perdeu o braço em batalha no século XVIII, passando a usar um cabo amarrado à manga para sustentá-la em seu botão do dólma. Este laço no cabo passou a ser considerado uma tradição naval em diversas Marinhas do mundo, sendo conhecido como “nó de Nelson”. Na Marinha do Brasil, o Corpo da Armada utiliza o desenho deste laço simbólico em suas platinas para se diferenciar dos demais Corpos e Quadros da Força.

Cerimonial à Bandeira

O Pavilhão Nacional fica localizado na popa e estabelece a soberania do navio. Diariamente, o Pavilhão é içado às 8 horas da manhã e arriado ao pôr do sol, em um cerimonial conhecido como Cerimonial à Bandeira. Ele consta de sete apitos de marinheiro, podendo ser tocado o hino nacional tam-



bém. No momento do cerimonial, este é divulgado em fonoclama, e todos aqueles que estiverem presenciando a bandeira sendo içada ou arriada deverão prestar a continência individual e permanecer em silêncio. Após o arriar, na parte da tarde, é costume que se cumprimente com “boa noite” os militares mais antigos e, especialmente, o comandante.

Saudação ao Pavilhão Nacional

Quando se entra a bordo pela primeira vez no dia, ou quando se sai de bordo pela última vez no dia, é costume saudar com a continência o Pavilhão Nacional, localizado na popa do navio.

Praça-d’Armas

O compartimento do navio onde são servidas as refeições para os oficiais é conhecido como “praça-d’armas”. Leva este nome porque, antigamente, as armas de bordo eram guardadas neste local, exclusivo da oficialidade.

Diferença entre corda e cabo

Tradicionalmente, na Marinha, só existem cabos, salvo duas exceções (corda

do sino e corda do relógio). Podem ser de diversos tipos, com grande variedade de tamanho e espessura, visando exercer diferentes funções, mas sempre são cabos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mar une os povos, e a terra os separa.

(São Tomás de Aquino, teólogo italiano e santo da Igreja Católica)

Ao longo deste artigo, foram abordados diversos tópicos considerados importantes no estudo das tradições do mar, inclusive sendo explicitadas algumas delas. Inicialmente, foram tratados os conceitos de tradição e bandeira, com ênfase nos simbolismos atinentes a eles. Depois tratou-se especificamente da bandeira do Brasil, que, de certa forma, é a junção dos conceitos anteriormente explicitados do ponto de vista nacional e não apenas naval. Nos dois tópicos seguintes, entraram em pauta as tradições propriamente navais, sendo o último uma exemplificação de algumas delas.

Tendo em vista todos os argumentos e exemplos desenvolvidos ao longo de diferentes tópicos acerca das tradições, especialmente as navais, e suas

implicações, conclui-se que elas devem ser preservadas e transmitidas para as futuras gerações de oficiais, de modo a contribuir para a manutenção de valores importantes para a Marinha do Brasil e, principalmente, para a Pátria.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<VALORES>; Cerimonial; Símbolo; Tradição;

REFERÊNCIAS

- LYRA, Márcio. *Tradição do mar: usos, costumes e linguagens*. 6ª ed. Brasília, DF: Serviço de Relações Públicas da Marinha, 1989.
- MARSHALL, Tim. *Worth dyng for the power and politics of flags*. Londres: Elliot and Thompson Limited, 2016.
- PRADA, C. R. C. *Tradiciones navales*. 2ª ed. Caracas: Imprenta Naval, 1999.
- SCRUTON, Roger. *O que é o conservadorismo*. São Paulo: É Realizações, 2015.
- TORRES, J. C. O. *O elogio do conservadorismo e outros escritos*. Curitiba, PR: Arcádia, 2016.